

“SOU A CONTRADIÇÃO EM PESSOA”

Gloria Sadala

Recebo em meu consultório um adolescente de 14 anos. Ao entrar, diz:

“Sou a contradição em pessoa”.

O adolescente revela, assim, sua divisão como sujeito. A adolescência é reveladora da tensão permanente entre o sujeito e o Outro; reveladora do conflito entre autoria e assujeitamento; expressa a dicotomia entre a posição de objeto e a posição como sujeito do desejo. Esta posição entre pólos fez com que a adolescência se associasse a idéias como passagem, túnel, ponte e travessia. A dicotomia, produto da divisão do sujeito, se faz nitidamente presente. O desencontro entre o sujeito dividido e a pulsão não encontra mais abrigo no Outro parental, uma vez que este se estrutura a partir da função paterna, apresentando sempre falhas em suas soluções. Isto representa uma ruptura com o laço fantasmático que sustentava o sujeito na infância. Faz-se necessário, portanto, um trabalho psíquico em decorrência desta ruptura.

Foi assim que o adolescente de 14 anos procurou sua antiga analista. Houve um primeiro tempo de análise aos 8 anos de idade. Nesta época foi trazido por sua avó. Preocupada com o excesso de peso do neto, angustiada em função da responsabilidade com sua educação, pensa que a análise poderia ajudar a ambos. Seus pais estavam separados, após um relacionamento de brigas, agressões físicas e desentendimentos. O menino, no entanto, vivia obcecado pela idéia de encontrar o pai, ter o seu amor e dele obter o que precisava para não ser engolfado pelas duas mulheres tão presentes em sua vida: mãe e avó. Sua passagem pela análise foi meteórica neste primeiro momento, mas suficiente para deixar os rastros que o trouxeram de volta.

No segundo tempo de sua análise, já com 14 anos, era outra sua situação familiar. A mãe casou-se novamente e através do padrasto ganhou um pai que o assumiu e um irmão mais velho que facilitou sua entrada no mundo feminino.

Alto, magro, bonito e sedutor retorna à análise com muitas dúvidas, contradições e insatisfações. Não sabe se quer fazer medicina ou administração. Pensa em ser um bom profissional, mas o que mais quer é ficar rico rapidamente.

Não aguenta mais tentar saber o que as mulheres querem. Apesar de reconhecer sua agradável aparência física atual, ao se aproximar das meninas sente-se como outrora, gordo, feio e desagradável.

Podemos dizer que o adolescente efetua um retorno a uma questão postergada. A adolescência, sob este ponto de vista, é um processo psíquico de reinscrição do sujeito na relação com o Outro. O adolescente tenta rever sua posição subjetiva para ressituar-se na relação com o Outro, considerando seu corpo, seu lugar social e seus laços. É necessário, neste ponto, definir o Outro como o discurso que organiza os laços sociais, compreendendo, assim, a língua, a história social, as trocas, as proibições, etc.

A adolescência nos leva a pensar sobre a importância da determinação do sujeito pelo discurso e o processo de reinscrição dos laços sociais. Foi com a adolescência que a sexualidade confirmou-se para a psicanálise como infantil e bifásica. Um segundo tempo desperta e dá significado a uma recordação anterior. Tal como Freud afirma no “Projeto de Psicologia” de 1895 ao tratar da proto pseudos (primeira mentira) histórica, uma lembrança se fixa num segundo tempo. Aquilo que é estritamente infantil é retomado a posteriori. Entre as duas cenas está a linguagem e são as palavras que permitem articulá-las.

Toca a sineta para o segundo ato. É a adolescência que se anuncia, para articular o primeiro tempo da infância ao ato final que contém o desenlace. Eis o inconsciente funcionando como um teatro.

Para Freud, o inconsciente é um escriba que se vale das palavras, fonemas, marcas imagéticas e sempre é possível uma nova escrita, por vezes diferente do acontecido, mas sempre sintônica com o desejo. Sendo o desejo metonímico, esta escrita encontra-se permanentemente inacabada.

O processo da adolescência se vale desta possibilidade e tal como no bloco mágico, metáfora utilizada por Freud para se referir ao funcionamento do aparelho psíquico, novas transcrições são registradas, conectando-se aos registros anteriores, permitindo re-arranjos e combinações inéditas.

Se tomarmos o percurso psicanalítico, a experiência do sonho e o processo da adolescência, encontramos algo em comum: um despertar que implica em busca do simbólico. Na experiência do sonho, o sonhador ao passar a seu relato, busca uma articulação entre imagem e palavra. Trata-se de um jogo simbólico propiciado pelas associações em análise. No percurso psicanalítico passa-se igualmente por um desprendimento gradativo da imagem. E também na adolescência podemos falar de uma rede articulada entre marcas, imagens e lembranças da infância com o atual da adolescência. O eixo articulador é o desejo, o sexual, a fantasia.

Pode-se fazer uma analogia entre a travessia da adolescência e o atravessamento da fantasia numa análise.

Para ressituar os significantes que sustentam sua posição no mundo, o adolescente efetua uma desmontagem/remontagem da fantasia construída na infância. Sendo a fantasia algo que se constitui para a criança como contrapartida ao gozo perdido, com a finalidade de recuperá-lo, trata-se de uma fantasia de completude.

Compartilhamos com a hipótese de Marco Antonio Coutinho Jorge de que na neurose temos uma fantasia de completude amorosa e o neurótico pretende resgatar a completude perdida pela via do amor. Acrescentamos que o mesmo acontece com o adolescente e são inúmeras as situações de enamoramento e paixão. Maria Anita Carneiro Ribeiro diz que “ não é por acaso que a mais bela história de amor de todos os tempos é uma história de adolescentes: Romeu e Julieta, de William Shakespeare” (Carneiro Ribeiro, 1996, p. 31).

A fantasia entendida como promessa de gozo acessível ao sujeito, coloca-se como uma possibilidade frente aos obstáculos em relação à satisfação pulsional.

Costumamos nos referir à adolescência como um despertar. A psicanálise e a adolescência são experiências de despertar.

O adolescente e o analisando despertam para o impossível. O impossível da relação sexual, do encontro, da comunicação. A constituição do sujeito do desejo é um despertar para possibilidades e impossibilidades. Ao amanhecer, despertamos. Despertamos para o estudo, o trabalho, para os laços sociais com todos os sofrimentos deles consequentes. O amor e a ilusão pertencem ao campo dos sonhos e para obtê-los o sujeito adormece na esperança de protagonizar algum conto infantil, provavelmente ouvido na infância. No fragmento clínico aqui apresentado, o adolescente de 14 anos despertou com a alvorada da adolescência e retornou à análise na tentativa de administrar, ele próprio, o mal-estar, responsabilizando-se pelos seus atos. No entanto, nem sempre é esta a direção tomada pelos adolescentes.

Em 31 de dezembro de 2010, o caderno principal do jornal O globo publicou matéria intitulada Meninas de Atenas, referente à pesquisa com viúvas e ex-mulheres de traficantes, jovens moradoras do Complexo do Alemão, região que foi alvo recente de ação policial na cidade do Rio de Janeiro. A expressão Meninas de Atenas refere-se a

jovens entre 12 e 19 anos, grávidas ou com recém-nascidos no colo, cujos namorados ligados ao tráfico, morreram ou desapareceram. Viveram como rainhas até então, desfrutando da condição de “mulher de bandido”. Viviam uma espécie de Disneylândia armada. Vários bailes funks por semana, bebidas e drogas à vontade. Recebiam motos de presente e viviam longe da sala de aula e das restrições impostas pela família. Por outro lado, eram totalmente submissas aos chefões do tráfico local. Tinham que ceder aos desejos do menino que as escolhesse. A debandada de seus heróis frente aos carros blindados das Forças Armadas e aos soldados do BOPE determinou a volta das Meninas de Atenas à casa de suas famílias. Precisaram, então, obedecer novamente as regras e contar com a boa vontade das mães e avós no cuidado de seus filhos. Essas meninas, empolgadas com o brilho do consumo, apenas trocaram de senhor: do comando das famílias para o comando dos traficantes.

Podemos dizer que não houve um despertar das Meninas de Atenas. Na vacilação do discurso do mestre, própria da adolescência, optaram por substituir o mestre, mantendo sua dominação e poder, sem considerar a possibilidade de saírem da submissão.

Concordamos com Rassial, em relação a sua idéia de que o adolescente passa a buscar um mestre. No entanto, dessa busca pode resultar um giro para o discurso da histórica.

Evocamos aqui a sessão em Vincennes, Centro Experimental Universitário, no dia 3 de dezembro de 1969, quando Lacan afirmou para os jovens ali presentes sobre a importância do discurso da histórica: “É muito importante, porque é com ele que se desenha o discurso do psicanalista”. (Lacan, 1969-1970, p.188).

Referências Bibliográficas

ALBERTI, S. **O adolescente e o Outro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008

CARNEIRO RIBEIRO, M.A. Nunca houve história mais bela. In: **Adolescência: o despertar**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1996.

FREUD, S. Proyecto de psicologia (1895) In: **Obras Completas**, v.1. Buenos Aires: Amorrortu, 1986, 2. ed.

_____. Três ensayos de teoria sexual (1905). In: **Obras Completas**, v.7. Buenos Aires: Amorrortu, 1978.

JORGE, M. A. C. As quatro dimensões do despertar – sonho, fantasia, delírio, ilusão. In: **Ágora**. Rio de Janeiro: Contra Capa, v. VIII, n. 2, p. 276-289, julho/dezembro de 2005.

LACAN, J. **O Seminário, livro17: O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1998.

OCTÁVIO, C. Jornal **O Globo**. Reportagem Meninas de Atenas. 31 de dezembro de 2010.

POLI, M. C. **Clínica da exclusão: a construção do fantasma e o sujeito adolescente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

RASSIAL, J. J. **O adolescente e o psicanalista**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

SOBRE O AUTOR

Gloria Sadala. Psicanalista. Doutora em Comunicação pela UFRJ. Coordenadora do Mestrado em Psicanálise, Saúde e Sociedade da Universidade Veiga de Almeida/RJ. Professora do Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC/RJ. Membro do Colegiado de FCCL/RJ. Coordenadora da Pesquisa sobre Os efeitos da comunicação contemporânea no sujeito adolescente apoiada pela FAPERJ.